

FÓRUM SOCIAL PAN-AMAZÔNICO: PEDAGOGIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

PAN-AMAZON SOCIAL FORUM: PEDAGOGIES TO POSTPON THE END OF THE WORLD

RAIUMUNDO ERUNDINO SANTOS DINIZ⁴¹

WEMERSON COSTA DOS SANTOS⁴²



Resumo

Este artigo enseja articular o Ensino de História com artesanias de práticas educacionais alternativas realizadas em encontros e processos formativos nos chamados “círculos de culturas” como parte da trajetória do Fórum Social Pan-Amazônico (FOSPA) Comitê Amapá. O objetivo é relacionar processos metodológicos, pedagógico e políticos adotados pelo FOSPA como a ecologia de saberes, voltadas ao “Bem Viver” em ambientes criativos não escolares com temas contemporâneos e da história do tempo presente. Para tanto, utilizou-se estratégias metodológicas qualitativas a partir de análises de registros dos círculos de culturas e da literatura e conceitos assentes na produção de Paulo Freire, Boaventura de Sousa Santos e Alberto Acosta, entre outros com potenciais dialogias ao Ensino de História. A análise conclusiva sustenta que é possível esperar por meio do FOSPA, lutas e resistência em tempos difíceis que corroem as relações humanas e delas com a natureza. Alude-se também a necessidade de maior apropriação e consolidação de práticas educativas em ambientes criativos não escolares em consonância ao ensino de História com aprendizagens escolares em perspectivas críticas.

Palavras-chave: Fórum Social Pan-amazônico; ensino de história; Bem Viver; círculo de cultura.

Abstract

This article aims to articulate the Teaching of History with crafts of alternative educational practices carried out in meetings and training processes in the so-called “circles of cultures” as part of the trajectory of the Pan-Amazon Social Forum (PASF) Amapá Committee. The objective is to relate methodological, pedagogical and political processes adopted by PASF with the ecology of knowledge, aimed at “Good Living” in non-school creative environments with contemporary themes and the history of the present time. For that, qualitative methodological strategies were used based on analysis of records of culture circles and literature and concepts based on the production of Paulo Freire, Boaventura de Sousa Santos and Alberto Acosta, among others with potential dialogues for the Teaching of History. The conclusive analysis argues that it is possible to hope through PASF, struggles and resistance in difficult times that erode human relationships and theirs with nature. There is also allusion to the need for greater appropriation and consolidation of educational practices in non-school creative environments in line with the teaching of History with school learning in critical perspectives.

Keywords: Pan-Amazonian Social Forum; history teaching; well living; culture circle.

³⁸ Doutorado em Ciências Sócio-ambientais e Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento/Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido do Núcleo de Altos Estudos Amazônico da Universidade Federal do Pará. E-mail: historiadiniz@gmail.com.

⁴² Graduando do Curso de Pedagogia na UNIFAP, Educador Popular desde 2003 na RECID - Rede de Educação Cidadã. Email: wpachamama77@gmail.com.



Introdução

A intervenção é histórica, é cultural, é política. É por isso que insisto tanto em que as experiências não podem ser transplantadas, mas reinventada.

(FREIRE, 2001)

Este artigo aponta os caminhos entrelaçados, a partir das fibras que tecem o Fórum Social Pan-Amazônico⁴³ (FOSPA) Comitê Amapá no sentido de identificar as práxis educacionais transformadoras de modo a analisar recortes artesanias de práticas educacionais alternativas voltadas a formação comunitária de educação popular articulada com diversos níveis de ensino/aprendizagens. O objetivo é anunciar a tessitura do esperar a partir de diálogos, relações, vivências de partilha de saberes e experiências e comparar concepções prático-teóricas de metodologias pedagógico-dialéticas educacionais que articulam os diferentes saberes e práticas utilizadas pelo FOSPA cujo horizonte é o “Bem Viver”⁴⁴ que se configura em um ambiente criativo não escolar. As análises de registros existentes que se referem aos círculos de cultura, por meio de literaturas, narrativas e ressignificações de conceitos, foram às fontes metodológicas qualitativas utilizadas para alcançar o objetivo deste artigo.

O presente trabalho também se fundamenta nos sentidos e direitos de dar vozes e escutas aos sujeitos como nos ensinam Paulo Freire, Boaventura de Sousa Santos e Alberto Acosta, entre outros. Em posição de protagonizar outros sentidos, vozes e outras escutas de encontro às metodologias meritocráticas, hierarquizantes, racionalistas e produtivistas no processo de ensino/aprendizagem escolar hegemônico.

Este evento-processo denominado “FOSPA” promove a troca de experiências, vivências para doar e receber, todas ponteadas numa trama de diálogos, reflexões, ações, amorosidade, conscientização e transformação do meu/seu/nosso mundo a partir da realidade concreta, o que dialoga com a educação popular.

⁴³ O FOSPA é uma rede de articulação, ou seja, um movimento de movimentos, de organizações e comunidades e o Comitê FOSPA/Amapá entende que é uma agenda porque se configura em diversas agendas políticas: das mulheres, jovens, quilombolas, indígenas, atingidos por barragens/mineradoras e é um processo por sua própria criação e reconfigurado pelo Comitê Internacional de que é ao mesmo tempo um ponto de partida e de chegada.

⁴⁴ O “Bem-viver” torna-se conhecido no final do século XX e constitui-se a partir dos conceitos de *suma qamaña* e *sumaq kawsay* e cujo plano de vida fundamenta-se na vivência harmônica e integrada entre a sociedade e Natureza segundo a cosmovisão indígena dos povos andinos. Este conceito é amplamente estudado e pesquisado principalmente por autores como Alberto Costa, Humberto Vandenbulcke, Eduardo Gudynas entre outros.



Trata-se de uma proposta de educação transformadora e que também faz parte da minha caminhada, do meu encontro com o movimento social e onde me reconheço como arte fundamental dessa transformação em prol do “Bem Viver”, fomentando o diálogo intercultural e decolonial⁴⁵ e a integração dos povos Pan-Amazônicos e andinos.

Este campo de pesquisa minado pelo ineditismo e ao mesmo tempo muito fértil para que se identifique dispositivos importantes para construção de outros processos educacionais, de reflexões de nossas ações cotidianas e interventivas, quando entendemos que estes pressupostos são a luz para a prática crítica-reflexiva-ativa e transformadora e que são primordiais para uma educação libertadora, como assinala Freire (2002). E a pedagogia como horizonte, a educação instrumento de libertação como sustenta Freire (2002), cuja reflexão sobre a força transformadora do homem social pensante, criativo e cuidante, é sim possível, apesar da concretude produtora e ativa das suas ações:

E é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens-materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções (FREIRE, 2002, p. 92).

É sensível e cientificamente possível, interligar os processos de escuta e observação ativa de uma pedagogia e educação, que me atrevo a chamar de *circular* existentes em espaços criativos não escolares como o FOSPA, por exemplo, como espaço de pesquisa deste trabalho, aos processos de pesquisa, sistematização e execução intrínsecos ao sistema ensino-aprendizagem formal.

O FOSPA, nos termos que justifica este trabalho, não configura um tema de investigação recorrente. Existem poucos trabalhos sistematizados e mais raro ainda são propostas de pesquisas e de extensão em cursos de graduação e pós-graduação. Dessa forma, parte-se da hipótese de que o FOSPA pode ser considerado um processo de ensino e de aprendizagem libertário.

Pretende-se aqui, apresentar o FOSPA, seus princípios e categorias teóricas para pensar novos instrumentos pedagógicos voltados para processos de ensino e de aprendizagem em ambientes de saberes criativos não escolares.

⁴⁵ Educação decolonial se volta para práxis educativa não apenas denunciadora, mas também de ressignificação de modos de vida, de pensar, com foco na transformação social e política de grupos subalternizados (negros, mulheres, homossexuais e outros sujeitos estigmatizados) com vistas à superação da hegemonia eurocêntrica e centrada em Catherine Walsh, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Arturo Escobar, entre outros.



Este artigo está estruturado a partir de três momentos: Primeiro a apresentação de um breve histórico do Fórum Social Pan-Amazônico (FOSPA). No segundo momento “princípios e caminhos metodológicos do FOSPA”. Em terceiro momento a “educação popular, comunitária e intercultural”. Em seguida os “círculos de cultura: ecologia de saberes e bem viver”. Por conseguinte, as considerações finais.

O Fórum Social Pan-amazônico

A Pan-Amazônia é uma região que compreende os países que têm floresta amazônica: Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa, abrangendo um território de aproximadamente 8 milhões de quilômetros quadrados (Figura 1). A imagem a seguir, apresenta dois grandes territórios destacados em dois tons de verde. O destaque em verde escuro abrange os países da Amazônia Internacional (Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa, que faz parte de outro contexto político e o destaque em verde claro indica a Amazônia Brasileira também chamada de Amazônia Legal abrangendo os estados do Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Roraima, Amapá, Maranhão, Tocantins e Mato Grosso, mostrando que este território também perpassa pelo Cerrado e pelo Pantanal. A junção destes dois grandes territórios é chamada de Pan-amazônia e dela, por volta de 60% de todo território, está aqui em solo brasileiro.

Figura 1 – A Pan-amazônia



Fonte: Rede Eclesial Pan-Amazônica (2020).





A Pan-Amazônia é multicultural. Nesse território convivem culturas diversas, pessoas com modos diferentes de viver, com seus saberes e fazeres específicos, identidade e história particulares, bem como em relação à percepção de natureza. São povos do campo, da floresta, das águas e das cidades, povos originários, comunidades tradicionais, ribeirinhos, agricultores e uma infinidade de culturas que mantêm modos de vida alternativos ao sistema capitalista dominante.

Para garantir o direito desses povos e fortalecer sua articulação política surgiu em 2002 o Fórum Social Pan-Amazônico (FOSPA). A referida deliberação se deu por ocasião do 1º Fórum Social Mundial (FSM) realizado em 2001⁴⁶. Inicialmente o FOSPA foi pensado como um fórum regional temático, mas ganhou força de Fórum Social e se tornou uma importante plataforma na defesa e no cuidado dos direitos humanos, do território e da natureza Pan-Amazônica.

O FOSPA é Fórum porque é tecido numa grande rede articulada em uma dinâmica de diálogos permanentes em torno de ações conjuntas provocadas pelos sujeitos que a integram. É Social porque nos reconhecemos como uma diversidade de sujeitos coletivos com diferentes pensamentos e práticas que buscam a integração territorial e comunitária como fundamento do Bem Viver. É Pan porque engloba países e suas organizações que expressam a sua própria condição política e é Amazônico porque é nosso território e nossa identidade.

O *boom* da globalização hegemônica e a explosão do neoliberalismo delineiam este início de século na conjuntura deste espaço-tempo que atingem profundamente especialmente os povos originários da Pan-Amazônia. Estão extremamente ameaçados em seus direitos. Desta forma, coletivos se articulam e se mobilizam nos âmbitos local, nacional e internacional em lutas e resistências contra as violações e negações desses direitos, constituindo “uma das grandes novidades, no que se refere às ações coletivas de lutas e movimento sociais” (GOHN, 2010, p. 11).

Na incessante caminhada de contribuir para a (re) construção de sociedades para o “Bem Viver”, povos amazônicos e andinos, representando organizações, entidades, movimentos, coletivos, comunidades e povos indígenas dos 09 países que compõe a Pan-Amazônia que lutam contra o neoliberalismo, se envolvem e integram numa rede de articulação, diálogos e alianças, configurando-se em um espaço-rede, autônomo,

⁴⁶ O Fórum Social Mundial é uma iniciativa dos movimentos sociais em contraposição ao Fórum Econômico Mundial de Davos. Originou-se a partir do movimento zapatista na década de 1990 que configurou de modo global o movimento altermundialista.



temático para a afirmação de uma agenda comum e solidária para com o cuidado do território e da natureza: o Fórum Social Pan-Amazônico (FOSPA).

Nesse intercâmbio, cada um destes países apresenta contextos singulares, e no processo de interação de experiências descortinam que seus territórios sofrem com problemas muito semelhantes, por tanto convergem em demandas. Assim, apontam novos caminhos para o “Bem Viver” em articulação com toda a diversidade de povos, pensamentos e ações em torno da defesa e cuidado da Amazônia, que é a nossa “casa comum”, e que outra Amazônia é possível, urgente, necessária para todos os povos.

Segundo Vandenbulcke (2017), o Bem Viver, além de ser uma utopia, é também um projeto de vida baseado na harmonia entre natureza e sociedade como um todo. O pensamento fundante desta categoria segundo o autor, é indígena, precisamente dos povos originários do Equador.

Para Acosta (2016, p. 29):

O Bem Viver – enquanto filosofia de vida – é um projeto libertador e tolerante, sem preconceitos nem dogmas. Um projeto que, ao haver somado inúmeras histórias de luta, resistência e propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências existentes em muitas partes do planeta, coloca-se como ponto de partida para construir democraticamente sociedades democráticas.

O conceito de Bem Viver enquanto filosofia ancestral indígena vem sendo apropriada no tempo presente em alguns países da América do Sul, especificamente em países andinos e, para nós, amazônidas, é mais recente ainda. Está em permanente construção por instituições, comunidades, intelectuais e sujeitos engajados em vivenciar este modo de vida.

Acosta e Brand (2018, p. 137) comentam que:

Especialmente nos países andinos, o Bem Viver ganha cada vez mais adeptos, tendo sido incorporado pelas constituições do Equador, em 2008, e da Bolívia, em 2009, juntamente com as noções de plurinacionalismo, autonomia dos povos indígenas e direitos coletivos, entre outros avanços fundamentais.

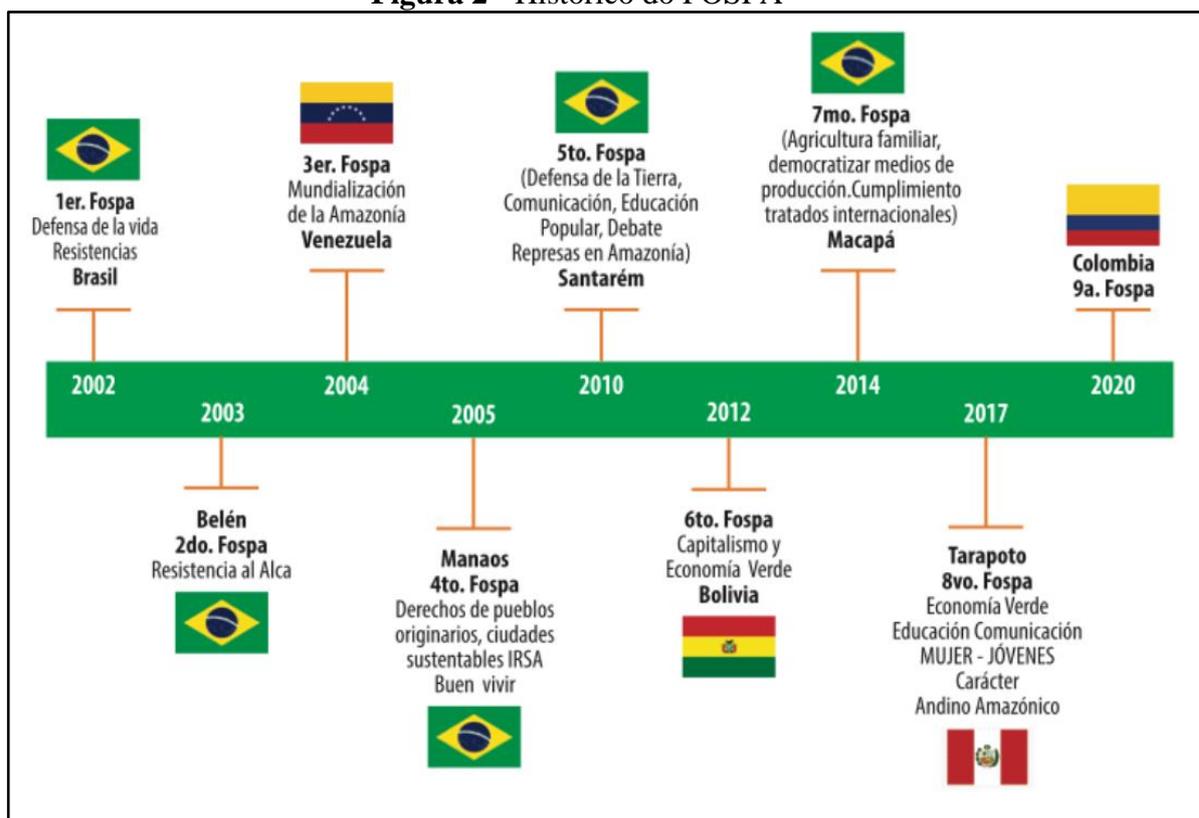
Alguns países andinos, além do novo constitucionalismo, também estão incorporando os princípios do Bem Viver em seus planos de desenvolvimento, como no caso do Equador que o rebatizou de Plano do Bem Viver, ressignificando o entendimento de desenvolvimento para um novo desenvolvimento ou pós-desenvolvimento, para usar um termo mais próximo do entendimento de Escobar (2005). No Brasil e particularmente no estado do Amapá, o Bem Viver é ainda desconhecida por muitos, pois os diálogos públicos acerca desta categoria são ainda



embrionários. O FOSPA é o principal disseminador desta filosofia de vida (ACOSTA, 2016) e ainda sonhamos com uma Universidade do Bem Viver Amazônica.

De 2002 a 2020, o FOSPA vem se tornando uma importante plataforma no sentido de descolonizar mentes e comportamentos (ROMÃO; GADOTTI, 2012), combatendo sistematicamente o famigerado sistema capitalista neoliberal (modelo de desenvolvimento) predador e patriarcal. Assim como todas as formas de exploração e discriminação, baseadas em etnia, identidade, território, natureza, raça e classe social, sempre em defesa dos direitos humanos, do território e da natureza (Figura 2). A imagem a seguir apresenta uma linha do tempo das edições FOSPA realizadas até o ano de 2020, apresenta resumidamente um panorama geral. Devido ao contexto pandêmico em que vivemos desde o último ano, a IX edição FOSPA 2020 ocorrida em Mocoa/Colômbia foi realizada em forma de Encontro Internacional Virtual.

Figura 2 - Histórico do FOSPA



Fonte: FOSPA (2021). Disponível em: https://www.fospabelem.com.br/pt_br/fospa-20-anos/. Acesso em: 20 dez. 2022.

O I FOSPA ocorreu no ano de 2002, entre os dias 25 e 27 de janeiro, na cidade de Belém do Pará. Os temas dialogados foram: 1) Internacionalização da Amazônia e resistência dos povos; 2) Ecossistemas amazônicos e alternativas de desenvolvimentos e; 3) Amazônia multiétnica e multicultural (FOSPA, 2022).





O II FOSPA também aconteceu em Belém do Pará no ano de 2003, entre os dias 16 e 19 de janeiro de 2003. Esta edição dialogou sobre o tema “Toda a América Contra a ALCA”, que também se caracterizou por um ato público chamado “Marcha dos Povos contra a Alca”. Esta edição cresceu e 10 mil pessoas participaram do FOSPA, com representação de movimentos sociais, grupos étnicos e identidades coletivas de toda Pan-Amazônia, além da Ásia, Europa e África. Logo após esta edição foi criado e incorporado ao FOSPA o Fórum da Selva Central do Peru e o Fórum Social Guianense da Guiana Francesa.

O III FOSPA acolheu o tema “Paz, Soberania e Igualdade”, ocorrendo entre os dias 4 e 8 de fevereiro de 2004, em Guayana, na Venezuela. Participaram desta edição cerca de 40 mil pessoas e contou com a presença de Hugo Chávez, na época já presidente da República Bolivariana da Venezuela e de Edmilson Rodrigues, então prefeito da cidade de Belém, Pará.

O IV FOSPA ocorreu em Manaus, no Amazonas, entre os dias 18 e 22 de janeiro de 2005. O tema dessa edição foi “Diversidade, Soberania e Paz”. A inserção de representação e participação da Guiana Francesa foi um marco nesta edição. Um grande ato público foi realizado em solidariedade a Guiana Francesa que ainda se mantém em contexto geopolítico de colônia da metrópole francesa. O então Conselho Pan-Amazônico (hoje chamado de Comitê Internacional FOSPA), decidiu que a 5ª edição do Fórum Social Pan-Amazônico deveria seguir para Caiena, na Guiana Francesa, o que não ocorreu. Especula-se que a articulação política, financeira e institucional não foi efetivamente possível para a estruturação e organização do evento. O FOSPA não se realizou nos anos de 2006, 2007 e 2008.

Em 2009, o Fórum Social Mundial (FSM) voltou a ser realizado no Brasil e também retornou a Amazônia, especificamente para Belém do Pará, entre os dias de 27 de janeiro à 1 de fevereiro de 2009. Esse fato também reanimou o então Conselho Pan-Amazônico a se rearticular e reorganizar o FOSPA. Neste contexto, em comum acordo os conselhos do FSM e do FOSPA, decidiram que o dia 28 de janeiro seria dedicado ao tema a “Pan-Amazônia e os 500 anos de resistência, conquistas e perspectivas afro-indígena e popular”.

O V FOSPA caminhou para Santarém, no Pará, adotando o tema “Uma articulação em defesa da Amazônia”. O evento ocorreu entre os dias 25 e 29 de novembro de 2010. A partir desta edição, o Conselho Internacional deliberou que as próximas edições do FOSPA aconteceriam em intervalos de 2 anos, intercalados ao



FSM. Há uma reorganização interna do Conselho Internacional quanto à criação dos Comitês Locais que passam a assumir a responsabilidade pela articulação necessária dos encaminhamentos de propostas, atividades autônomas, eixos, espaços de diálogos e iniciativas de ação entre cada edição do FOSPA. Essa movimentação local passou a ser denominada de Pré-FOSPA ou Pré-Fórum.

O VI FOSPA foi realizado em Cobija, na Bolívia, entre os dias 28 de novembro a 1 de dezembro de 2012. O tema dessa edição foi “A unidade dos povos da Amazônia para mudar o mundo”. O Conselho Internacional deliberou pela cidade de Macapá para sediar a 7ª edição do FOSPA.

O VII FOSPA aconteceu na cidade de Macapá, no Amapá, de 28 a 31 de maio de 2014. O tema do evento foi “No meio do mundo, os povos se encontram” e, a partir desta edição, a tessitura do trabalho de base, através das organizações e movimentos sociais, aponta caminhos e novos horizontes com o protagonismo dos comitês locais do Amapá em intercâmbio com o comitê local Belém do Pará.

A Rede de Educação Cidadã (RECID) a qual eu representei como gestor estadual, foi a principal organizadora local e mobilizadora - por meio da educação popular, das organizações e movimentos sociais. Também se juntaram a RECID na organização do evento a Fundação Lauro Campos, tendo à frente o seu coordenador técnico Luís Arnaldo Campos, e o Instituto Amazônia Solidária (IAMAS), com a representação do pesquisador Dion Monteiro, a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) com a representação de Guilherme Carvalho. A Carta de Macapá marcou o evento. Foi reafirmada uma moção de apoio e compromisso com o povo guianense. A partir do VII FOSPA, o Comitê Local do Amapá passou a integrar o Comitê Internacional. Eu assumi a coordenação do Comitê Local do Amapá, função que exerço até os dias atuais.

O VIII FOSPA ocorreu entre os dias 28 de abril a 1º de maio, na cidade de Tarapoto, no Peru. O tema dessa oitava edição foi “Vamos ao chamado da floresta”, propondo uma forte articulação de todas as organizações envolvidas para voltar os olhos do mundo para Amazônia como fonte de vida e espaço chave na luta frente às mudanças climáticas. Em deliberação conjunta, a cidade de Mocoa, na Colômbia, foi escolhida para sediar a 9ª edição do FOSPA.

Devido a Pandemia do COVID-19, o IX FOSPA foi realizado de forma virtual de 12 a 15 de novembro de 2020, adotando o tema “Pela vida, defendemos a



Amazônia”. A Carta de Mocoa registra os principais encaminhamentos desta edição do FOSPA.

O FOSPA se consolidou como o principal evento dos movimentos sociais da Pan-Amazônia. Em sua trajetória possibilitou a formação de uma rede de articulação solidária em defesa da floresta, de seus habitantes e contra as “necropolíticas desenvolvimentistas”⁴⁷ impostas para atender aos interesses do mercado global, assente na história de violência do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado.

No percurso do FOSPA alguns princípios e categorias foram pedagogicamente internalizados são resultados de trocas de afetos, sentimentos, angústias, experiências de vidas, resistências das margens. São instrumentos de educação e de aprendizagem que mantém acesa a chama da resistência popular pela defesa da terra e do território, por valores ambientalistas, autonomistas, indígenas, comunitários e feministas (SVAMPA, 2019).

Em seguida serão analisados alguns desses instrumentos que se entrelaçam e instigam o pensamento alternativo de conhecer para esperar sob a abordagem educacional. O primeiro é a educação popular, comunitária e intercultural, assente na transversalidade da literatura de inspiração freiriana. O segundo é a ecologia de saberes, proposta pedagógica de Boaventura de Sousa Santos. O terceiro é o “Bem Viver”, de Alberto Acosta, campo político alternativo ao desenvolvimentismo neoliberal.

Princípios e categorias teórico-metodológicas da pedagogia do FOSPA

Lançar o olhar pedagógico nesta grande rede de processos que é o FOSPA, na tentativa de compreender, por meio da observação, da escuta, sistematização, intervenção e mediação dialógica e dialética, é desafiador levando em consideração o espaço geopolítico que ocupa e sobretudo a importância que tem enquanto uma categoria de luta e resistências dos povos das Amazônias. Analisar este espaço como um ambiente de ensino-aprendizagem da educação que traz na realidade dos sujeitos, as diversidades da realidade cotidiana, as especificidades do sujeito/educando e do sujeito-social, pressupõe que o campo acadêmico, deve se reinventar, de maneira que as propostas curriculares acerca destas questões traga de fato, o fazer da educação popular para dentro dos muros universitários.

⁴⁷ Metáfora em alusão as ponderações do autor camaronês Achille Mbembe (2014), com base em Michel Foucault sobre biopolítica analisa que o Estado administra a vida e a morte dos sujeitos a partir de uma tecnologia de poder que tem a raça como critério de seleção, corpos negros passam a ser alvos em relação a outros sujeitos.



Com o intuito de pensar a realidade, envolver didáticas e metodologias dialéticas capazes de dialogar com atual conjuntura educacional e com os sujeito/educando, sujeito/educador que cada vez mais são diversos, e principalmente pensar a descentralização do poder docente no sentido de não somente verificar ou transferir conhecimentos, mas pensar ferramentas, metodologias de ensino-aprendizagem transformadoras, com participação efetiva dos sujeitos pertencentes as comunidades de ensinosa/aprendizagens em espaços escolares e não escolares. É, verdadeiramente, o caminho criativo e sensível à compreensão de como pensar o sujeito enquanto sociedade, na construção de práxis de envolvimento do Bem Viver.

O FOSPA nos possibilitou refletir que, as instituições de ensino superior de um modo geral, e especificamente os cursos de Pedagogia, não estão atuando diante do novo que se anuncia no sentido de esperar comunidades e sociedade do Bem Viver, lembrando que não podemos falar dos rumos das instituições de ensino, sem olhar para seu processo histórico. Compreender a atual conjuntura do processo pedagógico nestes espaços, desde seu processo político, econômico, sujeito/educando, sujeito/educador, gestores da educação, corpo técnico e a sociedade é primordial para entendermos o alcance da universidade enquanto instituição de pesquisa e (des)envolvimento.

De que maneira se dá as relações entre instituições de ensinosa e as comunidades? Até onde as instituições de ensino interferem e/ou contribuem no processo educacional destas? Quais os interesses que envolvem o modelo atual de educação universitária? Qual o dever do Estado? Qual o papel da comunidade? Buscando analisar as relações de poder e as mudanças dos rumos ao longo da história, não repetir os erros da educação bancária, apontada por Freire (2002), que atende, somente aos interesses da classe dominante e do mercado, já seria um enorme passo às mudanças de paradigmas.

As universidades buscam um modelo de gestão social, ambiental, cultural, democrática, comunitária e popular, um modelo que nas últimas décadas vem sendo desejada. Embora ao que parece, na prática, sejam poucas as instituições de ensino sensíveis ao novo modelo, jeito de ser, pensar e vivenciar a educação, é um desafio a ser superado pela sociedade brasileira.

O processo de democratização política no Brasil é bem recente e a tão jovem democracia corre sério risco. Democratizar a educação requer uma maior vontade (participação) política da sociedade, numa rede articulada e fortalecida entre universidades e comunidades bem como uma ampla diversidade de sujeitos que lutam por uma educação de qualidade, libertadora e democrática que se deveria refletir nos



cursos e projetos de extensão, voltados a formação política de intercâmbio entre academia e movimentos sociais, academia e comunidades ribeirinhas e também entre comunidades quilombolas, que, no entanto, não ocorrem.

Antes mesmo de adentrar os muros da universidade, é urgente e necessário contextualizar, entender e escutar a comunidade como um ambiente orgânico integrado por pessoas que ocupam um território e que tem modos de vida diferentes dos nossos, embora estejamos irmanados por heranças culturais, e coexistimos dentro de uma mesma área biogeográfica, rural ou urbana, unidas por interesses comuns e participantes de questões gerais da vida em sociedade.

As comunidades amazônicas têm sido “des-envolvidas” e criadas por ação do Estado em processos políticos e/ou sociais, até empurradas por grandes projetos do setor privado, com medidas que aguçam em contradições sociais se ampliam a cada dia. O Estado capturado pelas elites econômicas cada vez mais encurrela e criminaliza a população pobre, subalternizada.

É visível a influência do capital imobiliário, uso de mecanismo de especulação que distancia este morador e/ou trabalhador para áreas cada vez mais distantes do trabalho, das escolas, hospitais, dos ambientes culturais próprios. Sem o mínimo de condições de infraestrutura coletiva como água, luz, saneamento, lazer, escola, saúde, transporte impossibilitando o sujeito/educando de estudar na sua comunidade.

Neste espaço FOSPA, foi possível tecer relações da escuta e vivências, numa rica e diversa experiência de ensino-aprendizagem que se retroalimentam e, neste tecer, pude observar o desejo latente de jovens e adultos em busca pelo conhecimento “da universidade”. A ecologia dos saberes na prática que emociona e que reafirma a essência do saber-fazer nos processos compreendidos de maneira simples e grandiosa ao mesmo tempo, refletindo o ambiente acadêmico nestas comunidades, as instituições de ensino, pode ser um lugar de alegria, partilha, escuta e troca de experiências.

Uma outra realidade Amazônida refere a estrutura, logística e as modalidades de ensino, pois nem sempre o sujeito/educando tem escolhas, o que significa a ida para instituição se dá pelo fato de a comunidade não possuir a oferta deste serviço. Seja de modalidade do ensino básico ou superior, provocando faltas constantes, em decorrência da falta de recursos para pagamento de ônibus, principalmente nas famílias numerosas. A mudança brusca de uma cidade para outra em busca de ensino de qualidade, pois reconhecem a importância da educação como uma prioridade, mas infelizmente, acaba se configurando um grande problema.



Educação popular, comunitária e intercultural

A educação popular, comunitária e intercultural está interligada e tem em seus diálogos a marcante presença de sujeitos historicamente oprimidos e excluídos. O FOSPA se alinha a esse anunciado em práticas educativas não alienantes e de aprendizados politicamente autônomos e inclusivos.

O movimento de educação popular surgiu em meados da década de 60, de processos organizativos de luta de base popular e se constituem em uma teoria pedagógica cuja a diversidade e interculturalidade são o alimento e os movimentos sociais os espaços dinâmicos deste processo educacional como corrobora Gadotti (2012): “Trata-se de um paradigma teórico nascido no calor das lutas populares que passou por vários momentos epistemológicos e organizativos, visando não só à construção de saberes, mas também ao fortalecimento das organizações populares” e também, um movimento rico crescendo em marcha para todas e todos – crianças, jovens, adultos e idosos que ia muito além da educação, apresentando a importância da cultura e seu papel pedagógico e de transformação da realidade social.

A década de 60 foi um período muito fértil e importante para os movimentos populares no Brasil em virtude de questões políticas e culturais demarcadas por mobilizações, organizações e articulações contra os regimes militares. Paulo Freire torna-se o principal expoente da educação popular a partir de propostas metodológicas de alfabetização através dos chamados Círculos de Cultura de Pé no Chão (GÓES, 2010).

Conceição Paludo também acrescenta que a educação popular, entre outros parâmetros importantes é também “uma proposta pedagógica, que sintetiza criativamente a direcionalidade e a intencionalidade do ato educativo, tendo por base a problematização, o diálogo e a participação” (PALUDO, 2005, p.10). Em concordância com a autora, a educação popular é uma práxis político-pedagógica que proporciona a construção de novos saberes a partir dos saberes existentes bem como, a transformação da própria realidade a qual estão inseridos os sujeitos-educandos e sujeitos-sociais.

Para Freire (1980) o homem é o verdadeiro criador de cultura a partir de toda experiência humana que lhe é permitida enquanto educação e esta relação intercultural, embora haja diferenças, é possível compreendê-la a partir dos diálogos interculturais. Neste sentido, a educação intercultural dialoga frente a convivência mútua entre as



diversidades culturais, entre modos de ser, viver e pensar e fazer diferentes e, assim como a educação popular, é uma educação democrática, dialógica e crítica-reflexiva.

Fleuri (2002, p. 139) comenta que “[...] na perspectiva intercultural os educadores e educandos não reduzem a outra cultura a um objeto de estudo a mais, mas a consideram como um modo próprio de um grupo social ver e interagir com a realidade”. Em complementaridade, Candau (2008) enfatiza que:

A educação intercultural aparece como uma perspectiva alternativa e contra-hegemônica de construção social, política e educacional, sendo complexa por estar atravessada por desafios e tensões, tornando necessária a problematização das diferentes práticas sociais e educativas (CANDAU, 2008, p. 2).

A interação entre educação popular, comunitária e intercultural amplia a visão de mundo dos sujeitos, bem como sua diversidade como ponto central dos diálogos entre elas, bem com a mesma condução pedagógica, de princípios e valores acordados sempre com a pluralidade e a diversidade, que são palavras-chaves do processo metodológico do FOSPA, assente em círculos de cultura.

Círculos de cultura: ecologia de saberes e bem viver

A partir desta relação, emprestamos de Freire (1980) os círculos de cultura, por entendermos que esta tecnologia social é, sobretudo, um método de estudo e vai muito além do aprendizado individual. É desta forma, o horizonte político-pedagógico e metodológico-organizativo dos Círculos de Cultura Cuidando da Amazônia, uma iniciativa de ação colaborativa e autônoma, sistematizadas pelo Comitê FOSPA Amapá, que iniciou em 23 de novembro de 2018.

Nesta caminhada de ação colaborativa, foram vivenciados até o mês de setembro de 2019, um total de 11 Círculos de Cultura Cuidando da Amazônia. Esta tecnologia social em defesa da Amazônia, atende ao chamado de uma agenda comum, a partir de um tema gerador identificado pela comunidade/coletivo/organização/movimento que solicita este espaço debate/diálogo.

Nós, educadores populares, comunitários, sociais, interculturais entendemos que a educação não está apenas relacionada a instituição Escola, em espaços educacionais formais. Compreendemos que há possibilidade de “educações”, em todo e qualquer espaço onde pessoas estão “politicamente disponíveis para a participação democrática”, como Freire (1980) menciona daquelas e daqueles que voluntariamente participam dos círculos de cultura enquanto espaço de promoção da cidadania.



Neste sentido, os Círculos de Cultura Cuidado da Amazônia, assim chamado pelo pertencimento e pela nossa identidade amazônida, se reconfiguram em um encontro de vidas, culturas, línguas, ritmos, saberes, sabores, fazeres, ancestralidade e modos de vida, embasados nas experiências dos povos da Amazônia e sua organização comunitária e cosmovisão.

Ainda sob esta perspectiva, os Círculos de Cultura Cuidado da Amazônia são espaços dialógicos e de oralidade, dinâmicos e representativos da força geradora dos encontros, diálogos e conexões entre consciências, da reflexão dos sujeitos sobre si, sobre a natureza, sobre nossa casa comum e principalmente, sobre a transformação deste para outro mundo melhor e possível. Reflete ainda, um legítimo espaço de formação política e cidadã, e dispositivo emancipatório da decolonização das mentes, da educação e dos territórios no sentido de considerar sobre como nos relacionamos com nossos ancestrais, com nossa identidade, com a natureza, com nossos territórios de vida e com o mundo.

São nesses espaços pelo qual perpassam as “educações” que iremos construir este saber/fazer. Aproximações com as instituições de ensino superior tem acontecido como estratégia de fortalecimento da importante retaguarda que esse segmento representa lutas e resistências (Imagens 1 e 2). No dia 12 de março de 2020, por mediação do Professor Doutor Marco Antônio Chagas do Programa de Pós-graduação Mestrado em Desenvolvimento Regional da UNIFAP, Wemerson Santos (coordenador FOSPA/Amapá) e o convidado de honra, Pedro Ramos⁴⁸, carinhosamente chamado por companheiros mais próximos de “Mano Pedro”, num círculo de cultura específico para os mestrandos do programa em questão.

Imagem 1 - Círculo de Cultura – Dinâmica de grupo

⁴⁸ Pedro Ramos de Souza, fundador do CNS – Conselho Nacional das Populações Extrativistas, ambientalista, ativista social e liderança histórica no Estado do Amapá. Atualmente é presidente de honra deste conselho, que compartilhou sua trajetória de vida e vivência nos movimentos sociais com os participantes.



Fonte: Atividade de campo (12 mar. 2020)

Imagem 2 - Círculo de Cultura – elementos simbólicos



Fonte: Atividade de campo (12 mar. 2020)

Esta metodologia revolucionária é um trabalho de organização de base onde não há hierarquia, não há um/uma sobre o outro/a outra, todos/todas estão juntos/juntas para desconstruir no individual e (re)construir nas mais diversas formas coletivas, transformações sistêmicas a partir do trabalho em grupo, diálogo, respeito e participação ativa e crítica.

Não existe uma programação antecipadamente sistematizada dos Círculos de Cultura Cuidando da Amazônia, a metodologia em si, já se constrói na própria curiosidade política do participante e na sua expressão cultural. Temas são debatidos a partir das iniciativas do coletivo, cuja mediação cabível ao educador/educadora é somente viabilizar uma melhor compreensão crítica da temática em roda, sempre considerando os aspectos político-pedagógicos e didáticos do processo como um todo.



Esta prática educativa de ecologia de saberes é um dos instrumentos analíticos das epistemologias do Sul, universo teórico-prático proposto pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos que assim o descreve:

A ecologia de saberes é uma das ferramentas que converte a diversidade de saberes tornada visível pela sociologia das ausências e pela sociologia das emergências num recurso capacitador que, ao possibilitar uma inteligibilidade ampliada de contextos de opressão e resistência, permite articulações mais abrangentes e mais profundas entre lutas que reúnem as várias dimensões ou tipos de dominação de modos diferentes (SANTOS, 2019, p. 59).

A ecologia de saberes é um dos alicerces do FOSPA ao romper com qualquer hierarquia que se estabeleça pela arrogância do conhecimento acadêmico que inferioriza outros saberes. No FOSPA se faz possível perceber os objetivos em comum de cada grupo social participante, assim como suas “ignorâncias”. Nesse sentido é possível pensar estratégias de fortalecimento de todos os movimentos sociais em torno de causas e agendas que possam ser promovidas juntas a partir de percepções em comuns, traduzindo-as em interculturalidade e ressignificando em lutas sociais.

É possível distinguir várias experiências de tradução intercultural em encontros do FOSPA que tratam da subjetividade do conhecimento e da ecologia de saberes, processo este que se filia a observação de Santos (2018) quanto a importância da retaguarda do conhecimento acadêmico para garantir a vanguarda das lutas sociais coletivas.

A pedagogia libertadora e a ecologia de saberes se aproximam das epistemologias do Sul e de “muitos outros conceitos que nos faltam ou que não sabíamos que existiam”⁴⁹. A educação neste espaço, sobretudo a educação popular é a principal combatente do epistemicídio⁵⁰ do conhecimento popular, cultural e político na sociedade neoliberal-capitalista e que resiste bravamente em seus processos organizativos.

A ecologia dos saberes se apresenta de forma democrática, horizontal. Existe uma consulta prévia às pessoas participantes sobre determinados diálogos que se fará presente neste espaço e cabe a nós, educadores populares, mediar à condução deste processo. Estes saberes estão presentes ali, porém, concordando com Couto (2011) revelando conhecimentos, artesanias, memórias de saberes próprios, antes

⁴⁹ Parafraseando o escritor Mia Couto em referência ao conto “Línguas que não sabemos que sabíamos” (COUTO, 2011)

⁵⁰ “Fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc.” (CARNEIRO; FISCHMANN, 2005, p. 97)



invisibilizados como saberes. Agora, ressignificada, solidariamente na prática social sob uma perspectiva mais crítica a partir da ação interventiva do educador, num diálogo tênue entre o aprender e o ensinar, um novo jeito de pensar, novas propostas, novas leituras de mundo.

Considerações finais

O FOSPA se consolida como um processo alternativo de democracia participativa e comunitária na Amazônia. Em seus processos de ensino e de aprendizagem procura visibilizar sujeitos críticos, criativos, autoridades em seus saberes/fazer e são legítimos representantes da natureza e do bem viver. Estas reflexões teóricas são inovadoras ao Ensino de História do tempo presente, mas precisam ser compreendidas e problematizadas aos discentes/sujeitos históricos que interagem em suas comunidades e territórios

São formas de lutas e resistências fora do contexto institucional, a considerar que o Estado cada vez mais se alinha com o mercado em violências neoliberais que afrontam povos originários e ancestrais na Pan-Amazônia. Em sua natureza política, o FOSPA são novas alianças dos povos da floresta, do campo, do cerrado e das águas, identidades coletivas urbanas e rurais, coetâneas, que sustentam pautas relativas a vida e ao direito de existir e resistir. Estas unidades de mobilizações são necessárias para evidenciar alternativas do sul-global opostas ao capitalismo, colonialismo e ao patriarcado, originários do norte-global.

É também, um espaço fértil de estímulos convergentes que motiva ser-parte de um projeto para protelar a destruição da humanidade e/ou da natureza esperando rumo ao Bem-viver, refletindo sobre quais princípios de educação popular, comunitária e intercultural deveriam nortear o horizonte, bem como as ações cotidianas e interventivas em espaços criativos não-escolares. Estes pressupostos são a luz para a prática crítica-reflexiva-ativa e transformadora e que são primordiais para uma educação libertadora e grandes aliados às aprendizagens escolares criativas, que garantem a efetiva ação-reflexão-ação na prática e que, conseqüentemente se desdobram em reflexões, diálogos, práticas e transformações, tanto da realidade do outro, quanto a nossa própria.

Este artigo trouxe algumas insubordinações pedagógicas, entendidas como modos educativos de organizar a convivência coletiva e estimular aprendizagens libertadoras que permitem atuar em ambientes criativos não escolares e acreditar que o



docente com problematizador da história da humanidade, do ensino de História, pode contribuir para “adiar o fim do mundo” como expõe Ailton Krenak.

Data de Submissão: 14/09/2022

Data de Aceite: 24/10/2022

Referências

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**. Uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016.

ACOSTA, Alberto; BRAND, Ulrich. **Pós-extrativismo e decrescimento**: saída do labirinto capitalista. São Paulo: Elefante, 2018.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flavio; CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo**: diferenças culturais e prática pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COUTO, Mia. Línguas que não sabemos que sabíamos. In: COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ESCOBAR, Arturo. **O lugar da natureza e a natureza do lugar**: globalização ou pós-desenvolvimento? Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 69-86. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624102140/8_Escobar.pdf. Acesso em: 07 jan. 2020.

FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). **Intercultura**: estudos emergentes. Ijuí, RS: Unijuí, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 26ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2012.

FOSPA – Fórum Social Pan-Amazônico. História Fospa. Disponível em: <http://www.forosocialpanamazonico.com>. Acesso em 19 fev. 2021.

GADOTTI, Moacir. Educação Popular, educação social, educação comunitária: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. In: IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez, 2012. **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3909/2386>. Acesso em 11 set. 2018.

GÓES, Moacyr de. **De pé no chão também se aprende a ler**: (1961-1964) uma escola democrática. 3. ed. Natal: Palumbo, 2010.

GOHN, Mari Glória. Movimentos Sociais na contemporaneidade. In: 33ª Reunião Anual da ANPed, Caxambu-MG, 17 a 20 out-2010. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RECID – Rede de Educação Cristã. **Quem Somos?** Disponível em <http://recid.redelivre.org>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PALUDO, Conceição. Educação Popular e Movimentos Sociais. *In: VIII Seminário Internacional de Educação*, FEEVALE. Novo Hamburgo, RS, 3-6, ago 2005.

REDE ECLESIAL PAN-AMAZÔNICA. **Pan-Amazônia**. Disponível em: <https://repam.org.br/>. Acesso em 10 jan. 2021.

ROMÃO, José Eustáquio; GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul**. Coleção Antologia do Pensamento Social Latino-Americano e Caribenho. Volume I. Buenos Aires: CLACSO, 2018. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Antologia_Boaventura_PT1.pdf. Acesso em: 06 jan. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O Fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SVAMPA, Maristella. **As fronteiras do neoextrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências**. Tradução de Lígia Azevedo. São Paulo: Elefante, 2019.

VANDENBULCKE, Humberto. **Comunicar la esperanza**. ALER, Asociación Latinoamericana de Educación y Comunicación Popular. Quito, Equador. 2017.

